



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

MARIA JOSÉ DO NASCIMENTO

REFLEXÕES SOBRE O FANTÁSTICO EM NARRATIVAS CONTEMPORÂNEAS
DE EXPRESSÃO PORTUGUESA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE A
PERSONAGEM ODONATO, NO ROMANCE *OS TRANSPARENTES*, E A
PERSONAGEM ANATÓLIO, DO CONTO *O HOMEM DO BONÉ CINZENTO*.

João Pessoa-PB

2018

MARIA JOSÉ DO NASCIMENTO

REFLEXÕES SOBRE O FANTÁSTICO EM NARRATIVAS CONTEMPORÂNEAS
DE EXPRESSÃO PORTUGUESA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE A
PERSONAGEM ODONATO, NO ROMANCE *OS TRANSPARENTES*, E A
PERSONAGEM ANATÓLIO, DO CONTO *O HOMEM DO BONÉ CINZENTO*.

Trabalho de conclusão de curso para
obtenção de grau superior em licenciatura
plena em Língua Portuguesa apresentado à
Universidade Federal da Paraíba, como
requisito para a conclusão do curso de
Letras- Português.

Orientador: Profº. Dr. Expedito Ferraz
Júnior

PARAÍBA
2018

**Catálogo na
publicação**

**Seção de Catálogo e
Classificação**

N244r Nascimento, Maria José do.

REFLEXÕES SOBRE O FANTÁSTICO EM NARRATIVAS

CONTEMPORÂNEAS DE EXPRESSÃO PORTUGUESA: UMA
ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE A PERSONAGEM ODONATO, NO
ROMANCE OS TRANSPARENTES, E A PERSONAGEM ANATÓLIO,
DO CONTO O HOMEM DO BONÉ CINZENTO. / Maria José do
Nascimento. - João Pessoa, 2018.

0 f.

Orientação: Expedito Ferraz Júnior.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Literatura fantástica, personagens, narrativa.
I. Júnior, Expedito Ferraz. II. Título.

UFPB/CCHLA

MARIA JOSÉ DO NASCIMENTO

REFLEXÕES SOBRE O FANTÁSTICO EM NARRATIVAS CONTEMPORÂNEAS
DE EXPRESSÃO PORTUGUESA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE A
PERSONAGEM ODONATO, NO ROMANCE *OS TRANSPARENTES*, E A
PERSONAGEM ANATÓLIO, DO CONTO *O HOMEM DO BONÉ CINZENTO*.

Monografia apresentada como requisito parcial para
obtenção do título de graduação, à Comissão
examinadora designada pela UFPB do Curso de
graduação- Licenciatura em Letras- Português –
Centro de Ciências humanas letras e artes.

JOÃO PESSOA, 08 de JUNHO de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Expedito Ferraz Júnior

Prof. Dr. Sérgio Martinho Aquino de Castro Pinto

Prof^a. Dra. Vanessa Neves Riambau Pinheiro

Dedicatória:

Dedico este trabalho, primeiramente a Deus, por me dar forças em todos os momentos e nunca me desamparar. Dedico também aos meus avós maternos, meus primeiros professores, Hermenegídio Isidoro do Nascimento “in memoriam” e Antônia Francisca da Conceição, por todo apoio, amor, carinho e dedicação que me dedicaram, às minhas filhas Maria Gabriela do Nascimento Ferreira e Ana Débora do Nascimento Ferreira, e, por fim, aos meus atuais e futuros alunos.

Agradecimentos:

Agradeço a Deus por sempre estar comigo, me fortalecendo e guiando no caminho em que devo andar, agradeço à minha família por todo apoio e paciência durante todos esses anos difíceis da graduação, ao meu esposo, minhas filhas, aos meus professores, desde o ensino infantil ao superior, especialmente meu professor orientador deste trabalho, Prof. Dr. Expedito Ferraz Júnior, por todo apoio e paciência, acolhimento e orientação, aos membros da banca, os quais têm grande importância na minha vida acadêmica e certamente grande contribuição na minha prática docente, Prof^a. Dr^a. Vanessa Neves Riambau Pinheiro e Prof. Dr. Sérgio Martinho Aquino de Castro Pinto, aos meus amigos e colegas, companheiros (as) de lutas, às pessoas que de forma direta ou indiretamente me ajudaram, me deram apoio e torceram para que esta etapa da minha formação fosse concluída com êxito, ao subprojeto PIBID que me proporcionou três anos de experiências na prática docente inigualáveis, que foram muito além da teoria, minhas coordenadoras inesquecíveis do PIBID- Letras-Português, Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima Melo, Prof^a. Dr^a. Maria das Graças Carvalho e Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Assis, agradeço por serem grandes exemplos como profissionais e seres humanos, por transmitirem de forma simples seus conhecimentos acadêmicos e cidadãos, bem como a Prof^a. Dr^a. Maria Bernardete Nóbrega, pela qual tenho grande estima, enfim, registro aqui meus agradecimentos a todos (as).

“Os que semeiam com lágrimas segarão com alegria”

Salmos 126.5

Resumo:

Neste trabalho, pretendemos estudar comparativamente os protagonistas do romance *Os transparentes*, do angolano Ondjaki (2013), e do conto *O homem do boné cinzento*, do brasileiro Murilo Rubião (1947). Essa comparação terá como base um breve estudo acerca da categoria literária do fantástico, tal como formulada por Tzvetan Todorov, e de suas subcategorias. Nossa pesquisa será, portanto, de caráter bibliográfico. Pretendemos analisar algumas passagens associáveis ao fantástico dentro das obras citadas, apontando nelas a presença do subgênero *insólito*, bem como o realismo fantástico, descrevendo como aparecem em ambas narrativas. Para tanto, a análise estará centrada nas duas personagens protagonistas Odonato, no romance *Os Transparentes*, e Anatólio, no conto *O Homem do boné cinzento*. – partindo especificamente das semelhanças no tipo de transformação pela qual passam essas duas personagens.

Palavras- chave: Literatura fantástica, personagens, narrativa.

Abstract:

In this work, we intend to study comparatively the protagonists of the novel *The Transparentes*, by the Angolan Ondjaki (2013), and the tale *The Man with the Gray cap*, by Brazilian Murilo Rubião (1947). This comparison will be based on a brief study of the literary category of the fantastic, as formulated by Tzvetan Todorov, and its subcategories. Our research will therefore be of bibliographic character. We intend to analyze some passages associated with the fantastic within the cited works, pointing out in them the presence of the unusual subgenre as well as the fantastic realism, describing how they appear in both narratives. For that, the analysis will be centered on the two characters protagonists Odonato, in the novel *The Transparentes*, and Anatólio, in the tale *The Man of the gray cap*. - starting from the similarities in the type of transformation that these two characters go through.

Keywords: Fantastic literature, characters, narrative.

SUMÁRIO

1.0 INTRODUÇÃO.....	1
2.0 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE TZVETAN TODOROV.....	2
2.1 <i>O conceito de literatura fantástica</i> segundo Todorov.....	2
2.2 Gêneros vizinhos e subgêneros.....	5
2.3 Realismo fantástico ou realismo mágico.....	8
3.0 <i>OS TRANSPARENTES E O HOMEM DO BONÉ CINZENTO (RESUMO DAS OBRAS)</i>	12
3.1 Odonato.....	16
3.2 Anatólio.....	17
4.0 ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE OS ENREDOS E AS PERSONAGENS.....	18
4.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	27

REFLEXÕES SOBRE O FANTÁSTICO EM NARRATIVAS
CONTEMPORÂNEAS DE EXPRESSÃO PORTUGUESA: UMA ANÁLISE
COMPARATIVA ENTRE A PERSONAGEM ODONATO, NO ROMANCE OS
TRANSPARENTES, E A PERSONAGEM ANATÓLIO, DO CONTO O *HOMEM*
DO BONÉ CINZENTO

1.0 Introdução:

É de conhecimento comum, no universo de quem se interessa pela literatura, a importância e o interesse que as narrativas de cunho fantástico despertam, entretanto, as nuances dessa categoria vão além do que conhecemos superficialmente, “como algo que não se pode explicar”. É verdade que não se pode explicar um acontecimento fantástico pela lógica racional humana, porém Tzvetan Todorov nos faz entender melhor esse gênero e suas interfaces de forma mais profunda e estrutural.

Embora, seja uma categoria literária muito presente na ficção, seja em sua forma oral ou escrita, ele pode estar presente de forma secundária em obras não necessariamente fantásticas. Nosso objetivo é buscar entender esses fenômenos dentro de um romance e de um conto, ambos contemporâneos. A questão aqui não será desvendar se o romance e o conto são obras consideradas primordialmente fantásticas, mas refletir sobre as características fantásticas das personagens nos contextos desses enredos, mais especificamente. Nosso interesse é analisar a transformação gradativa das personagens Odonato e Anatólio, como essas transformações acontecem nas personagens, se são ações que refletem seus estados internos, o que influencia na vida das personagens secundárias, etc. A pesquisa utilizada é bibliográfica, fundamentada em teóricos que apresentam discussões voltadas para nosso objeto de análise. Como aporte teórico, além de Todorov *Introdução à literatura fantástica* (1975), nos embasaremos em teorias de autores como Georg Lukács em *Teoria do Romance* (1965), Antonio Candido *A personagem de Ficção* (2014), Beth Brait, *A personagem* (2004), Samira Nahid de Mesquita *O enredo* (2004).

Nosso trabalho será dividido em quatro capítulos, além deste, introdutório. No primeiro, faremos uma breve explanação teórica sobre

literatura fantástica a partir da visão de seu principal teórico no contexto da literatura contemporânea, comentando também alguns aspectos das personagens, do romance e enredo abordados por outros autores. No segundo, falaremos acerca do romance *Os transparentes* em um breve contexto e sobre o conto *O homem do boné cinzento*. No terceiro capítulo, analisaremos o romance e o conto citados acima, entrelaçando-os de forma que possamos ressaltar e comparar aspectos do conto e do romance e as personagens abordadas no contexto da literatura fantástica contemporânea, enfocando a gradual e constante metamorfose das personagens nos dois enredos, comparando algumas de suas semelhanças e diferenças, dialogando com as teorias pesquisadas e, após isso, faremos nossas considerações finais.

2.0 Breves considerações sobre Tzvetan Todorov:

O pensamento de Todorov, nascido na Bulgária, em 1963, autor de várias pesquisas tanto no campo da linguística quanto da literatura, suas importantes obras direcionam-se, após seus primeiros trabalhos de crítica literária sobre poesia eslava, para a filosofia da linguagem, numa visão estruturalista que a concebe como parte da semiótica (saussuriana), fato que se deve aos seus estudos dirigidos por Roland Barthes, seu orientador do doutorado.

2.1 O conceito de literatura fantástica segundo Todorov

Todorov também escreveu a respeito do fantástico na literatura – e, mais especificamente, a respeito de uma de suas ramificações ou subcategorias, o *insólito*, subcategoria relacionada à categoria *estranho* – categoria analítica central em nosso estudo.

Ao pensarmos em como definir a literatura fantástica, não podemos deixar fora de nossas pesquisas seu principal representante nesta categoria literária: Tzvetan Todorov. Na obra mais conhecida acerca dessa categoria, *Introdução à literatura fantástica*, podemos notar como ele busca mostrar de forma sucinta, analisar algumas obras universais significantes e representativas do que chamou de gênero fantástico.

Para Todorov, o fantástico está associado à narrativa de fatos que não podem ser explicados pelas leis da natureza ou ciência, e que não podem ser explicado de forma lógica e racional, ou seja, quando, para o leitor, há dúvida se esse evento é real, é sobrenatural ou regido por outras leis que desconhecemos. “Há um fenômeno estranho que se pode explicar de duas maneiras, por meio de causas de tipo natural e sobrenatural. A possibilidade de se hesitar entre os dois criou o efeito fantástico.” (TODOROV, 1975, p. 31). Portanto, Todorov segue a linha divisória de águas na crítica literária, a dos formalistas russos, que direciona as narrativas de forma que explorem suas possibilidades estruturais, como afirma Beth Brait em *A personagem* (2004).

Porém, a história não pode ser interpretada de forma alegórica, pois, se o leitor ou espectador interpretar o sobrenatural como uma metáfora, num primeiro momento, ele perde o sentido fantástico. Deve haver uma pré-disposição do leitor para negar a alegoria e hesitar quanto à realidade do fato. A própria expressão *literatura fantástica*, é referente a uma variedade da literatura, em suma, um gênero literário, dentro do qual existem subgêneros ou subcategorias, subtipos, subespécies, tipologias, por assim dizer. Ou seja, ramificações que crescem a partir da raiz do fantástico. Todorov também destaca, portanto, os gêneros vizinhos, o *estranho* ou o *maravilhoso*, os quais nascem da incerteza entre o real e o imaginário, ambiguidades que transitam entre as leis naturais e sobrenaturais.

Existem narrativas que justificam a estranheza dos fatos que as recheiam com explicações naturais e verossímeis em seu desenvolvimento ou apenas em seu desfecho, esse é o caso da categoria estranha.

A categoria estranha seria, então, para Todorov as obras em que

Relatam-se acontecimentos que podem perfeitamente ser explicados pelas leis da razão, mas que são, de alguma maneira ou de outra, incríveis, extraordinários, chocantes, singulares, inquietantes, insólitos e que, por esta razão, provocam na personagem e no leitor reação semelhante àquela que os textos fantásticos nos tornaram familiar. (TODOROV, 2006, p.53)

Um exemplo de obra em que elementos do fantástico estranho aparecem é em um conto criado pelo jornalista e contista de pseudônimo João do Rio, *O homem da cabeça de papelão*, acompanhado também de metáforas sociais. Conta a história de Antenor, um jovem que desde que nasceu é estigmatizado por ser inteligente e honesto, por ter ideias diferentes das demais pessoas, não dava certo em nenhum emprego e sofria preconceito por parte das pessoas ditas como “normais” na sociedade do lugar onde vivia, chamado País do Sol. Apesar dos conselhos da família e conhecidos ele mantém seus ideais, mas ao apaixonar-se muda completamente sob a exigência da namorada, vai consertar a cabeça num relojoeiro, para substituir sua cabeça original, o relojoeiro empresta uma cabeça de papelão enquanto a de Antenor fica no conserto, ele só aparece meses depois para buscar a cabeça original e, mesmo constatando que não há nenhum defeito com ela, decide continuar usando a de papelão, pois teve muito sucesso na vida após começar a usá-la. Portanto, não há uma explicação lógica para o fato ele trocar de cabeça e usar uma de papelão, mesmo que isso seja humanamente impossível, é insólito, incomum, mas poderia ser explicado de várias formas, inclusive pelas leis da razão, pois essa troca de cabeça pode estar associada ao sentido figurado, a forma como ele se agia numa sociedade corrupta causava estranhamento nas pessoas, entretanto, ao usar a cabeça de papelão, talvez no sentido de alienação, incrivelmente foi como se ele tivesse se tornado como os demais, há uma dualidade, pois todas as personagens veem essa cabeça de papelão como algo comum, enquanto a cabeça original de Antenor era vista como anormal, todavia, como há uma explicação da razão descaracteriza um pouco o fantástico na obra, mesmo com esse acontecimento anormal.

Por ser estruturalista, Todorov, acaba adotando essa visão também na literatura, por isso, na literatura fantástica é comum que o leitor enverede por dualidades ou ambiguidades em que o deixem na dúvida entre o real e o imaginário, entre sonho e realidade, mundo natural e mundo sobrenatural, porém, ao leitor é dada a possibilidade de escolha para hesitar se deseja acreditar, até porque o fantástico é uma linha de separação entre o estranho e o maravilhoso, entretanto, nunca será explicado através da obra, pois os

elementos que a constituem para que seja considerada uma obra fantástica levarão constantemente características marcadas pela dúvida.

Diante disso, o autor afirma que

O fantástico implica, pois, uma integração do leitor no mundo das personagens; define-se pela percepção ambígua que tem o próprio leitor dos acontecimentos narrados. É necessário desde já esclarecer que, assim falando, temos em vista não este ou aquele leitor particular, real, mas uma “função” de leitor, implícita no texto (do mesmo modo que nele se acha implícita a noção de narrador). A percepção desse leitor implícito está inscrita no texto com a mesma precisão com que estão os movimentos das personagens.

A hesitação do leitor é pois a primeira condição do fantástico. (TODOROV, 1968, p.37)

Outra forma de identificarmos o fantástico numa obra é que ele não se faz presente apenas por mostrar algum acontecimento estranho, mas também no modo de leitura de cada sujeito, não sendo nem poética e nem alegórica. Outro ponto, é que a narrativa deve estar no tempo presente, todavia, não é obrigatório que a obra mantenha a ambiguidade até o final. “Entretanto seria errôneo pretender que o fantástico só pode existir em uma parte da obra. Há textos que conservam a ambiguidade até o final, quer dizer, além desse final. Uma vez fechado o livro, a ambiguidade subsiste” (TODOROV, 1968, p.50)

2.2 Gêneros vizinhos e subgêneros

Diante do exposto, partiremos para conhecer novas nuances da categoria fantástica, os subgêneros, que estão entre o estranho puro e o maravilhoso puro, são as fronteiras entre os dois “vizinhos” que citamos anteriormente. O fantástico estranho e o fantástico maravilhoso estão situados em linhas de separação entre o estranho puro e o maravilhoso puro, por isso, são subcategorias ou subgêneros que intermediam os gêneros vizinhos.

Em suma, podemos dizer que o fantástico puro necessita de acontecimentos sobrenaturais e inexplicáveis pela lógica, enquanto o

maravilhoso também utiliza de elementos bem parecidos, mas que não causam estranhamento, geralmente é conhecido pelos contos de fadas, entretanto, não adentraremos nestas questões, por conseguinte, tentaremos primeiro, compreender um pouco acerca do fantástico-estranho, por se tratar do ponto crucial para análise do nosso objeto de estudo neste trabalho.

Sobre o fantástico estranho o autor caracteriza

Acontecimentos que parecem sobrenaturais ao longo de toda a história, no fim recebem uma explicação racional. Se esses acontecimentos por muito tempo levaram a personagem e o leitor acreditar que a intervenção do sobrenatural, é porque tinham um caráter insólito (TODOROV, 1968, p. 51).

Ou seja, o insólito (incomum, anormal) é uma das características do fantástico estranho, que vai ao encontro da nossa pesquisa.

Algumas das explicações que podem diminuir o sobrenatural são os acasos, fraudes ou ilusões.

Há, na verdade, uma linha tênue entre os dois domínios vizinhos, a saber, o fantástico puro representa uma linha entre o fantástico estranho e o fantástico maravilhoso, ou seja, faz fronteira entre os dois domínios vizinhos.

Vejamos essas divisões dos subgêneros do fantástico:

- a) Estranho puro
- b) Fantástico- estranho
- c) Fantástico- maravilhoso
- d) Maravilhoso puro

Atentaremos, pois, para o fantástico estranho. “Acontecimentos que parecem sobrenaturais ao longo de toda história, no fim recebem uma explicação racional. Se esses acontecimentos levaram a personagem e o leitor a acreditar na intervenção do sobrenatural, é porque tinham um caráter insólito” (Todorov, 1975). O que é chamado pelos críticos de “sobrenatural explicado”.

Porém procurou-se explicações que diminuíssem o sobrenatural: o acaso, as coincidências, o sonho, a influência das drogas, fraudes, jogos falsos, a ilusão dos sentidos e a loucura...

Como podemos perceber, há algumas explicações que fazem com que, mesmo com acontecimentos sobrenaturais, exista alguma explicação racional, ou que possa ser aceita pela personagem e pelo leitor, que podem ser situações criadas pela mente humana, de alguma forma, mesmo sendo algo irreal, há uma explicação lógica para os fatos.

Acerca do fantástico estranho, o autor descreve que

Nas obras que pertencem a este gênero, relatam-se acontecimentos que podem perfeitamente ser explicados pelas leis da razão, mas que são, de alguma maneira ou de outra, incríveis, extraordinários, chocantes, singulares, inquietantes, insólitos e que, por esta razão, provocam na personagem e no leitor reação semelhante àquela que os textos fantásticos nos tornaram familiar. (pág.53)

Diante disso, observamos certa dificuldade de diferenciar aspectos do fantástico estranho, pois segundo o próprio autor este “não é um gênero bem delimitado”, por isso ele o considera limitado pelo lado fantástico e por outro lado é fragmentado pelo campo geral literário.

O estranho realiza, como se vê, uma só das condições do fantástico: a descrição de certas reações, em particular do medo; está ligado aos sentimentos da personagem e não a um acontecimento material que desafie a razão (o maravilhoso, ao contrário, se caracterizará pela existência exclusiva de fatos sobrenaturais, sem implicar a reação que provoquem nas personagens). (p. 53)

2.3 Realismo fantástico ou realismo mágico

O fantástico originou-se através de narrativas que evocavam medo, explorando a presença do sobrenatural através de monstros, fantasmas e outros seres sobrenaturais, no início de seu suposto surgimento, no século XVIII, porém esse gênero foi se transformando ao longo dos séculos, a partir do século XIX passou a haver uma preocupação com o psicológico humano, ao chegar no século XX, momento em que esse tipo de narrativa foi deixando de ser um entretenimento e passou a ousar com temas mais complexos, passando a problematizar acontecimentos do dia-a-dia, situações inquietantes para o ser humano.

Volobuef, renomado teórico que também trata do gênero fantástico, afirma o seguinte acerca dessa mudança temática que ocorreu a partir do século XX : “não cria mundos fabulosos, distintos do nosso e povoados por criaturas imaginárias, mas revela e problematiza a vida e o ambiente que conhecemos do dia-a-dia” (VOLOBUEF, 2000, p.110)

A partir do século XX, época em que o gênero fantástico ganhou maior destaque, surgiram vários teóricos para falar acerca dele, dentre os quais, destacam-se Chiampi, Gabriel Garcia Marquez, Todorov, portanto é através de Todorov que nos embasaremos para discorrer sucintamente sobre o termo “realismo fantástico”, também conhecido como “realismo mágico”, todavia, Todorov não se aprofundou nas nomenclaturas, mas dá a entender em seu ensaio que se refere ao que conhecemos como “realismo fantástico” ou “realismo mágico” como sendo o “maravilhoso”. Um exemplo bastante conhecido mundialmente é *A metamorfose*, de Franz Kafka, em que a personagem Gregor Samsa se transforma em uma barata, antes ele sustentava a família e após essa transformação torna-se um estorvo para eles, essa transformação fantástica não impede de associarmos à realidade da personagem, que outrora era útil à família e ao adoecer e ficar desempregado torna-se inútil como um inseto para eles. Como no início já acontece uma situação de estranhamento, mas ao passar o tempo, todos se acostumam e a situação resolve-se como algo natural, ela é aceita como algo comum, como no maravilhoso.

Embora o termo “realismo fantástico” ou “realismo mágico” tenha surgido na Europa, essa corrente expandiu-se para o continente latino-americano em meados do século XX, mas com algumas diferenças, inclusive em suas nomenclaturas, um dos grandes representantes nessa corrente é Gabriel Garcia Marquez, escritor, crítico literário e jornalista colombiano, apesar de não gostar de nomear sua forma de escrita, suas obras são denominadas como partícipe do “realismo mágico”.

Alguns elementos fazem parte da normalidade para as personagens, tornando “reais” situações que, diante das leis tais como conhecemos, seriam consideradas situações sobrenaturais. Ao contrário da incerteza do estranho, da ambiguidade calculada para obter o estranhamento do leitor, o realismo maravilhoso desaloja qualquer efeito que cause emoção, medo ou terror sobre o evento insólito. Nesse caso, O insólito, em ótica racional, deixa de ser o “outro lado”, o desconhecido, para incorporar-se ao real: ao fantástico maravilhoso. Mesmo parecendo inadmissível ao leitor e a personagem, o sobrenatural acontece nas obras em que divagam entre o estranho e o maravilhoso, trazendo uma semântica aceitável do real nessas narrativas, por mais chocante e ambíguo que possa parecer. Entretanto, nem sempre é fácil fazer essa distinção, pois como sabemos o fantástico passeia em linhas tênues, não tão fáceis de distinguir a que categoria ou subcategorias pertencem, ademais a hesitação entre o real e o imaginário, como sabemos é o marco principal dessa diversificada categoria.

Sobre essas mudanças ao longo dos séculos, Todorov afirma:

O século XIX vivia, é verdade, numa metafísica do real e do imaginário, e a literatura fantástica nada mais é do que a má consciência deste século XIX positivista. Mas hoje, não se pode acreditar numa realidade imutável, externa, nem em uma literatura que não fosse senão a transcrição desta realidade. As palavras ganharam uma autonomia que as coisas perderam. A literatura que sempre afirmou esta outra visão é sem dúvida um dos móveis de evolução. A literatura fantástica, ela

mesma, que subverteu ao longo de todas as suas páginas, as categorizações linguísticas, recebeu com isto um golpe fatal; mas desta morte, deste suicídio nasceu uma nova literatura. Ora, não seria presunçoso demais afirmar que a literatura do século XX é, num certo sentido, mais “literatura” que qualquer outra. Isto deve ser tomado evidentemente por um juízo de valor: é mesmo possível que, precisamente por este fato, sua qualidade se encontre diminuída (pág. 177).

3.0- OS TRANSPARENTES E O HOMEM DO BONÉ CINZENTO (RESUMO DAS OBRAS)

O romance *Os Transparentes* não trata-se unicamente de uma obra de cunho fantástico, carrega dentro de si diversos acontecimentos estranhos que podem ser considerados fantásticos, enquanto o conto de Murilo Rubião revela outras particularidades do gênero, de forma que possamos identificar com mais facilidade esses elementos dentro do conto, portanto, analisaremos essas e outras semelhanças entre ambas, sendo a principal delas, a transformação das personagens, pois tornam-se transparentes gradualmente, fato observado por outras personagens das narrativas. O romance é construído de forma poética e lírica, que encanta e provoca sentimentos e a identidade do leitor. O termo transparência refere-se à propriedade de um corpo que se deixa atravessar pela luz e permite distinguir, por meio da sua espessura, os objetos que se encontram atrás.

Começemos por uma síntese de *Os transparentes*: este romance foi publicado em 2013 por um autor angolano, de pseudônimo Ondjaki, também sociólogo e autor de outros livros, até mesmo contos infantis. O romance conta com 403 páginas, não é dividido por capítulos, mas algumas partes no meio do livro têm algumas páginas pretas, as quais podemos assimilar à uma divisão

que marca a paragrafação, bem como podemos entender como um prelúdio das tragédias que marcam o enredo. A narrativa é escrita em terceira pessoa do singular e o narrador é onisciente neutro, pois narra a história sem tomar partido dela, também existem muitos diálogos entre as personagens, estas, por sinal têm nomes bem peculiares, inclusive, na forma como o autor escreve, não só porque o nome caracteriza a personagem, como por ele ser escrito todo junto. Ex: MariaComForça, e JoãoDevagar, são casados, enquanto a mulher trabalha sem qualquer descanso para sustento da família, o marido não trabalha ou busca ganho fácil investindo em negócios duvidosos. Outro ponto marcante a linguagem, que conta com palavras e gírias bastante características do dialeto luandense, O enredo é traçado através da própria sociedade luandense e seus problemas sociais, comuns em diversas partes do mundo. A população de classe economicamente desfavorecida, em sua maioria, dentro da obra. Residem num prédio abandonado e esquecido pelo poder público, inundado de água, chamado de LagoDaMaianga, o local e os moradores deste prédio trazem uma verossimilhança com a obra do brasileiro Aluísio Azevedo, *O cortiço*, obra em que retratava os dramas sociais em que a personagem protagonista não era exatamente uma pessoa e sim o lugar, o próprio cortiço, os enredos individuais e coletivos que aconteciam no próprio São Romão, local habitacional improvisado para pessoas pobres que pagavam aluguel ao vendeiro João Romão, esses moradores dividiam suas tristezas, alegrias, memórias e sonhos, algo bem parecido com a relação entre os moradores do LagoDaMaianga, outra semelhança nessas obras é a questão do fogo, porém, não entraremos em pormenores, por enquanto.

Em *Os transparentes* podemos notar claramente o drama social presente na obra, iniciada em prolepse, pois inicia adiantando como será o final da obra da narrativa, mas usando o tempo no presente, com o fogo destruindo a cidade e os diálogos entre as pessoas que sofrem com o calor desse fogo e a morte iminente, o leitor não compreende, a princípio, a obra que é iniciada com um diálogo entre o Cego e o VendedorDeConchas para descobrir qual é a cor do fogo, após as três primeiras páginas é que começamos compreender o enredo e as histórias individuais e coletivas daquele povo, que serão melhor entendidas e retomadas no final do enredo, começa a partir de então a fluir

uma narrativa de forma que o leitor adentre no enredo de forma poética, não só na forma de escrita narrativa ou em diálogos das personagens, mas também através de citações poéticas, em alguns momentos a obra é leve e até cômica, como se o tempo inteiro o narrador estivesse preparando o leitor para o desenrolar dos fatos trágicos.

O bilhete de Odonato foi extraído dos seguintes versos:

[...]

Nada resta desse tempo

Quieto de dias plácidos

E noites longas

Flechas de venenos

Moram no coração dos vivos

Acabou o tempo de lembrar

Choro no dia seguinte

As coisas que devia chorar hoje.

Paula Tavares,

In Como veias finas na terra (p.399)

Algumas das personagens mais marcantes na obra, mesmo que coadjuvantes, estão no âmbito das baixas camadas sociais como o jovem Paizinho, que é órfão e lava carros para sobreviver, MariaComForça e seu esposo JoãoDevagar, Edu e sua esposa, CamaradaMudo, o Carteiro, Xilisbaba (esposa de Odonato), Amarelinha (filha de Xilisbaba e Odonato) AvóKunjikise (mãe adotiva de Xilisbaba e mora com a família), CienteDoGrã (filho de Odonato e Xilisbaba), o CamaradaCego e o VendedorDeConchas. A maioria vive como uma família no LargoDaMaianga, dividem alimentos, alegrias, tristezas, saudades, memórias, incertezas e exalam solidariedade e

companheirismo entre eles, ou seja, há uma relação de amizade verdadeira e igualdade entre eles. Por outro lado, temos uma subdivisão na classe burguesa, em que cada um cuida dos seus próprios interesses e em como obter cada vez mais lucro, sem importar-se com o outro ou com a cidade, a exemplo das relações hierárquicas entre o Ministro, o Acessor (que cumpre ordens do Ministro e humilha a própria secretária), o Coronel Hoffman, empresário interessado em privatizar a água do local, Dom Cristalino, num tratado direto com o Governador e outros da cúpula elitizada, visando enriquecer mais, ainda que isso prejudique toda sociedade luandense, a qual tem seus recursos naturais explorados de maneira desordenada, como é a extração do petróleo, a qual será causa do fogo e destruição, por ambição tanto de ricos quanto das pessoas pobres, estes últimos enganados com o “lucro” que poderiam obter. Os únicos que parecem enxergar de forma sóbria essa situação é Odonato e o jornalista Paulo Pausado, mesmo que vivam em universos paralelos, entretanto, fazem parte da mesma sociedade, o que os assemelha é também o fato de enxergarem alguém de outras personagens, com profundo sentimento de dor e revolta, falando ou calando diante da impossibilidade de mudanças efetivas, ambos diante da situação em que não enxergam uma solução parecem adentrar num pandeterminismo, num estado de depressão e entrega de quem não consegue enfrentar mais o problema e perdem as forças diante dele, ao ponto do Jornalista chegar a cometer suicídio, enquanto isso, os outros vivem num processo de alienação, pois aceitam a tudo que os governantes os impõe sem questionar. Nesse processo Odonato busca uma fuga no campo do imaginário, das memórias compartilhadas com amigos, ao se isolar para refletir no terraço do prédio onde mora, embora, em alguns momentos ele tome algumas atitudes mais efusivas, a exemplo de quando vai procurar pelo filho na delegacia. Diante desse enredo, a transformação externa de Odonato começa acontecer e faz com que tenhamos uma verossimilhança com a realidade, o estranho que se manifesta como o “eu” da própria personagem, sentindo-se transparente e incapaz diante dos problemas que não consegue resolver, de sustentar a própria família, diante da sociedade, da pobreza, da fome, do desemprego, da dor que o atinge.

Todas as pessoas que residem ou estão interligadas ao LargoDaMaianga, sobrevivem de maneira informal, sem emprego fixo, exceto o Carteiro, que mesmo trabalhando para os Correios, passa por muitas dificuldades e humilhações, inclusive por buscar de várias formas conseguir ao menos um transporte que facilite seu trabalho, sendo ignorado por todos, este no final é tratado de forma desumana que o faz sentir-se exatamente como um “lixo”.

Odonato é uma destas pessoas: pobre, encontra-se desempregado, com uma família que cata restos de comida na feira para levarem para casa e sobreviverem, um filho envolvido com a criminalidade, ele que já foi funcionário público, encontra-se desempregado e ultrajado, sem vontade até de comer, início, então, do seu processo de invisibilidade. Durante essa transformação, a personagem passa por terríveis momentos com seu filho CienteDoGrã, morto por uma infecção causada por um tiro, este fora preso e não teve direito aos cuidados que todo ser humano precisa, sendo largado morto sem direito a um enterro digno, até que seu pai o encontra e junto com seus amigos do LargoDaMaianga consegue fazer o rito fúnebre e enterrar seu filho dignamente, às escondidas, ajudado pela família e seus solidários vizinhos, enquanto a Donaldeologia, uma senhora rica, morrera e era decretado luto oficial de três dias na cidade de Luanda. Obviamente a morte da Donaldeologia, que não tinha basicamente nenhuma função na obra e na vida, não foi colocada no enredo por acaso e sim metaforicamente em relação ao contexto político e de desigualdade social presente na obra. Esse processo metaforizado pelo qual Odonato passa termina quando ele solta-se do fio de sisal que o prende ao terraço do LargoDaMaianga, subindo pelos ares durante o incêndio da cidade.

A obra termina como começa, toda a cidade consumida pelo fogo e o drama agonizante de seus moradores em meio ao fogo e destruição. Ou seja, o enredo em que aparecem histórias e conflitos locais e pessoais, acontece de forma esférica, num círculo que é rompido apenas pelo fogo.

Por outro lado, temos o conto *O homem do Boné cinzento*, de Murilo Rubião é narrado por um narrador personagem, escrito em primeira pessoa, que observa e narra a vida do vizinho recém mudado para sua rua, um senhor chamado Anatólio (aquele que veio do Oriente ou nascer do sol), que usa um

boné xadrez e fumava um cachimbo, carregando ao seu lado um cão. O narrador é um menino chamado Roderico (que significa no hebraico “ o poderoso príncipe”), irmão de Artur (rei urso, nobre, corajoso) que passa o dia a observar seu novo vizinho pela janela de casa, o enredo se passa na rua em que os meninos moram e ao chegar o novo morador que passara a morar num prédio em ruínas de um antigo hotel, as crianças da rua ficaram inquietas e curiosas imaginando inúmeras possibilidades de quem fosse o novo morador daquele lugar, especialmente Artur que interessou-se de tal forma que passou a observar sua rotina diária, o homem franzino que despertou a curiosidade das crianças, por ser uma personagem peculiar, tanto no modo de ser, de vestir-se quanto pela sua aparência física, muito magro e pequeno, após Artur o observar todos os dias a ponto de ele mesmo começar a emagrecer e também definhar, seu irmão Roderico também passou a fazer o mesmo, segundo o narrador, por se preocupar com o irmão, então, Artur foi o primeiro a notar e comentar com seu irmão que o homem a quem observavam estava a ficar transparente, a ponto de aparecer seus órgãos internos e transparecer a própria mobília, jorrando jatos de fogo pela boca, consumido pelo fogo até sumir, deixando o boné o o cachimbo, enquanto Artur também se transformara, diminuindo de tamanho, até virar uma bola negra e sumir completamente na mão do irmão.

O autor Murilo Rubião Murilo, contista mineiro que começou publicar seus contos a partir de 1940, criador de obras nas quais são reconhecidas a categoria do realismo fantástico. Algumas características dos contos desse autor é que o fantástico nas suas obras irrompe em meio à realidade, outra peculiaridade característica do escritor é a inferência textos bíblicos no início de suas obras, bem como a escolha de alguns nomes das personagens contextualizados com a bíblia, é o caso do início do conto em que ele fala do rei da Babilônia num versículo do livro de Daniel, o rei Nabucodonosor, mais tarde citado num contexto aleatório pela personagem Roderico, o narrador, os nomes das personagens também não nos passam despercebidos, principalmente o de Anatólio, já citado anteriormente. Podemos inferir aqui o fogo a uma purificação, se atentarmos para a forma “apocalíptica” com a qual o autor costuma escrever, sendo o fogo um elemento de purificação e não de

destruição apenas, também um signo do que tanto se deixa guardado por muito tempo, prestes a explodir, o que Anatólio poderia viver guardando dentro de si, sendo colocado para fora através do fogo.

3.1- Odonato

Odonato (libélula- inseto com asas longas e transparentes que se movimenta de forma independente e elegante), personagem plana, sem vícios, nem surpresas, mas com o qual o leitor se identifica. Odonato era um cidadão luandense, tinha uma boa relação com a família, esposa, um casal de filhos e a AvóKunjikise (mãe de Xilibaba) e amigos, estava desempregado, tinha um filho envolvido em atos ilícitos, aos poucos foi parando de comer, além de poupar a comida para a família ele demonstrava desânimo e tristeza a ponto de não querer mais comer e foi emagrecendo, até o ponto de iniciar seu processo de invisibilidade, embora a transformação de Odonato ocorra fisicamente, ela começa internamente através da sua profunda tristeza e impotência diante dos problemas sociais, pessoais e familiares, pois apesar de uma classe social desfavorecida, demonstra clareza do pensamento ideológico e conhecimento de seus direitos de cidadão, mesmo não tendo forças e visibilidade no meio social para verbalizar ou expressar seus pensamentos, ele tem uma dimensão do que se passa ao seu redor, da situação caótica social e familiar, reconhece não ter o poder se fazer nada a respeito e aos poucos vai se entregando àquela situação em que se encontra, emprego ou não ser ouvido, acaba por começar também a ficar invisível, como se o seu exterior refletisse seu interior, essa metamorfose da transparência, começa de fato, a partir da página 31, em que a AvóKunjikise vê pela primeira vez o início de sua transformação, a segunda pessoa a perceber é a esposa dele, Xilibaba, os quais sempre dialogavam, mas parecia, de fato, nunca se abrirem o suficiente um com o outro, por mais que houvesse respeito e carinho entre ambos. Essa narrativa leva essa ambiguidade que permeia entre o real e o sobrenatural até o fim da obra, pois este fator é explicado pelo fantástico estranho a partir da subcategoria *insólito* em que o leitor e a personagem poderão escolher em que acreditar, podendo até mesmo haver uma explicação aceita pela lógica, porém

permite ao leitor e a personagem o duvidar entre o real e o sobrenatural, entretanto o que difere na categoria em que se enquadra a personagem de Murilo Rubião é que o realismo fantástico parece mais aceito aqui, devido os fatores sociais e pelo fato de conhecermos muito mais da personagem, notamos que sua transformação ainda que possa vir do campo da *psique*, o estranho seria o modo como a personagem se sente, o que se encaixaria também nas teorias freudianas sobre o *ser estranho*, entretanto essa transformação passou a ser percebida e até assustar outras pessoas que o viam.

3.2- Anatólio

Anatólio (que veio do Oriente, do nascer do sol, cidade de Anatólia, que hoje corresponde à Turquia), personagem plana, seu vício é apenas fumar seu cachimbo, aparece todos os dias à mesma hora na rua (às cinco horas da tarde) , as crianças acreditavam ser um rico celibatário, que morava sozinho, mas após um tempo, uma jovem passou a morar em sua casa, indo embora após 3 meses, seu processo de invisibilidade, começa após a jovem misteriosa ter ido embora, Artur foi o primeiro a notar. “- Ele está ficando transparente” (pág.19).

Anatólio é um sujeito que aparece de repente para morar num antigo hotel arruinado daquela rua, sua mobília chega uma semana antes da personagem se mudar para o local, causando uma antecipação dos fatos, assim como as cores esfumaçadas do chapéu e o fogo do cachimbo, como um prelúdio fantástico que remete ao estranho que estava para acontecer, despertando a curiosidade dos dois irmãos Artur e Roderico. Como o próprio nome Anatólio diz- aquele que vem do oriente, do nascer do sol- A personagem protagonista surgira misteriosamente e todos os dias aparecia na rua em um horário em que o sol estava prestes a se pôr, quase crepúsculo, esse seu aparecimento era o que fazia com que os meninos observassem da janela como ele apareceria e como definhava e tornava-se transparente até desaparecer à mesma hora todos os dias, de forma previsível. Se notarmos

onde o fantástico torna-se evidente nessa transformação, essa transparência do protagonista de forma *insólita*, incomum, acontece de forma gradual, mas linear, ele segue o costume, o vício, a previsibilidade de aparecer todos os dias no mesmo horário e sempre com o mesmo boné cinza e seu cachimbo, mesmo assim, causa estranhamento, surpresa, suspense nas personagens secundárias e mais inexplicável ainda, o efeito causado na personagem Artur, quando Anatólio desaparece embaixo do boné, no conto não fica claro se foi em cinzas ou se ele sumiu completamente, mais uma vez o fantástico deixa a ambiguidade à escolha do leitor, acreditar ou não no sobrenatural, em especial o *insólito* que pode levar tanto para uma aceitação do real quando do sobrenatural. “A descrição de certas reações, em particular do medo; está ligado aos sentimentos da personagem e não a um acontecimento material que desafie a razão (TODOROV 1978)”.

4.0 Análise comparativa entre os enredos e as personagens

A princípio da nossa análise, percebemos a função de elementos da natureza pela ordem nas narrativas: Em *Os transparentes* aparece desde o início da prolepse o elemento fogo que consome a cidade, como se fosse a solução de todo aquele caos que fora criado pelas próprias pessoas, ele não aparece apenas como algo destruidor, mas também como algo purificador e libertador, a vida, a iluminação, a paixão, a luz que traz à tona os sentimentos profundos das personagens ao se deparar com o fim da vida, este elemento também aparece através do sol, muito presente, inclusive, desde o primeiro momento em que a AvóKunjiquire, Xilisbaba, Odonato e outras personagens notam sua transparência.

É através dos raios solares, quando Odonato se encontra na varanda do edifício onde mora, que as pessoas passam a perceber seu processo de invisibilidade e suas veias translúcidas aparecendo, outro elemento bem presente está ligado ao ar, que representa o campo dos pensamentos e das ideias, além de outros momentos na obra, em que o ar interfere, inclusive, na posição das coisas, ele finaliza a trajetória incerta de Odonato, libertando-o [...] “o galo viu Odonato progredir nos céus, solto, livre, abanando o corpo conforme

o vento, primeiro para os lados, sobrevoando o prédio onde o galo espantado e quieto se encontrava, depois subindo repentinamente, deixando no ar (pág. 395) [...]”. Outro elemento presente no romance é água, primeiramente no LargoDaMaianga que vive inundado, cheio de água com fartura, alagando o chão de todo o prédio e, depois na questão do interesse político e empresarial pela privatização deste recurso natural, a água simboliza em diferentes culturas a limpeza, purificação, fertilidade, vida, força e transformação. Em *O homem do boné cinzento* o fogo aparece desde a representação cinzenta da cor da fumaça através do boné xadrez, cinza e branco, como através do cachimbo aceso e, por fim, Anatólio soltando fogo pela boca, ao mesmo tempo o ar aparece através do vento que o balança, entretanto, Anatólio finaliza sua transformação na terra, ao contrário de Odonato, no ar, no campo do pensamento, da liberdade, da ideologia, tal qual o significado do seu nome “Libélula” ele voou. O elemento ar também representa a força, a coragem, agitação e inconstância.

O vento fazia com que o corpo dobrasse sobre si mesmo. Teve um espasmo e lançou um jato de fogo, que varreu a rua. Artur, excitado, não perdia o lance, enquanto eu, recuava atemorizado. Por instantes Anatólio se recolheu para, depois, tornar a vomitar. Menos que da primeira vez. Em seguida, cuspiu. No fim, já ansioso, deixou escorrer uma baba incandescente pelo tórax abaixo e incendiou-se. Restou a cabeça, coberta pelo boné. O cachimbo se apagava no chão (pág. 20).

Algo interessante a salientarmos a respeito da luz, momento no qual é notado o início da transparência das personagens Odonato e Anatólio é que no primeiro essa transformação foi notada à luz matutina, enquanto o segundo ocorreu no período vespertino, ou seja, opondo nascer e pôr do sol, da luz.

Com relação aos narradores das obras, como já citamos, no romance o narrado é onisciente neutro e no conto o narrador é o narrador personagem, em *Os transparentes*, até por se tratar de um romance, sendo uma história muito mais longa, existem muitas personagens e o enredo gira em torno de várias histórias entrelaçadas, memórias, vivências daquele povo,

diferentemente do conto em que só aparecem 4 personagens e só o narrador se expressa e alguns poucos diálogos com a personagem Artur, seu irmão.

Ora, não sabemos como explicar a insólita transformação da personagem de boné xadrex, nem como os fatos incomuns e até assustadores aconteceram consigo no final da obra, bem como o fato de Artur que apenas o observara, ter se tornado uma bola negra e pequena, que ligação os dois teriam para que isso ocorresse, podemos responsabilizar o fantástico estranho por tal feito, por mais que tentemos encontrar uma explicação racional para tais ações, não conseguiremos, cabe ao leitor aceitar ou não como um fato real ou imaginário, explicado pelo lado racional ou pelo sobrenatural.

Além do próprio Anatólio e seu jeito misterioso, algo que nos intriga é a aparição da mulher que se hospedou em sua casa e foi embora após 3 meses. Seria ele realmente um rico celibatário? Seria ela sua amante às escondidas caso ele fosse um celibatário sacerdotal? Uma hipótese a ser cogitada seria a lenda da mula sem cabeça, sendo que neste caso, seria o homem a pegar fogo ao invés da mulher?. Na literatura, especialmente fantástica, é livre ao leitor o direito a diversas interpretações possíveis, mas o fato a ser levantado aqui é que não há, na obra, uma explicação lógica do início ao fim, caracterizando o *estranho puro* da literatura fantástica em que uma de suas variações é justamente o *insólito*, portanto.

Já Odonato, como sabemos é casado e tem filhos, tem uma família e amigos, aparentemente o leitor conhece bem a personagem e esta não lhe causa mistério ou estranhamento, um elemento crucial no enredo de *Os transparentes* é a figura da AvóKunjikise, a idosa vinda de outros povos, sábia, respeitada pelos mais jovens e que tinha um olhar mais aguçado, inclusive sobre a espiritualidade e superstições, ela é a primeira a notar a transparência de Odonato, assim como Artur, sendo ainda criança, foi o primeiro a perceber a transparência de Anatólio, mas ela viu a transparência de Odonato como uma predição do futuro, como um augúrio marcado pela sabedoria popular da MaisVelha, entretanto, ao passar o tempo, a invisibilidade de Odonato foi acentuando-se, outras pessoas começaram a notar e até foi se tornando algo natural para quem convivia com ele, ele saía às ruas, conversava com os amigos normalmente e todos passaram a enxergar, ainda que ninguém

ousasse comentar a respeito, ou seja, o sobrenatural foi sendo reduzido a algo natural. Comparado, portanto, pelo viés do fantástico, a diferença entre a causa e efeito das transformações se dá na forma como é recebida pelas outras personagens e pelo leitor, a saber, o que a princípio parece algo comum, a chegada de Anatólio à rua com seu boné e cachimbo, termina de forma espantosa, enquanto Odonato causa grande espanto e estranhamento nele mesmo e nas pessoas que o veem, mas aos poucos é como se todos fossem se acostumando com a situação e até buscando formas de contornar a invisibilidade de Odonato, que ao final alcança um estado de libertação nos ar, é o único que ao invés de terminar no fogo, terra ou água, termina nos ares, representando o campo do pensamento ou até da ilusão, deixando uma reflexão acerca de como se caracteriza o fantástico nessa situação, se é aceita como algo sobrenatural ou ilusório por parte do protagonista, ou aceita como uma explicação racional de um estado de alucinação da personagem.

Nesse trecho constatamos a reação espantosa da personagem AvóKunjikise diante da percepção da transformação insólita de Odonato, a descrição do narrador e o diálogo entre as personagens

[...]

AvóKunjikise viu-o de costas, com o sol diluído, e tremeu como não tremia há muito, fechou os olhos, fez força, queria chorar duas ou três lágrimas para purgar rapidamente a visão, mas a verdade é límpida e conhece veredas secretas para chegar ao seu destino

[...]

Havia luz que o contornava e luz que já não o contornava

—Nato... o teu corpo— a velha pôs as duas mãos sobre o peito, como fazia quando menina, quando se queria acalmar

acanhados raios solares, de magreza extremada, fiapos tristes da cor amarela, atravessavam Odonato nas zonas periféricas do seu corpo esguio, nos rebordos da cintura, nos joelhos, também nas costas das mãos e nos ombros, a luz

longínqua passava como se um corpo humano, real e sanguíneo, pudesse assemelhar-se a uma peneira ambulante

— tenha calma, mãe— Odonato aproximou-se

—Não é isso— A AvóKunjikise falou —, estou a pensar na tua família, nos da tua casa... coitada da minha filha!

[...]

—também viu, mãe?

[...]

—eu vi o futuro —murmurou a velha. (páginas 31,32)

A invisibilidade de Odonato ocorre aparentemente por causa da fome, a partir do momento em que ele não quer mais se alimentar, entretanto, esse é um reflexo de quem já sentia-se transparente enquanto ser humano, numa sociedade cercada de necessidades essenciais para a sobrevivência humana, esquecidos pelo poder público, ainda que vivessem em meio tantos recursos naturais, entretanto rodeados de corrupção e desigualdade social a que o próprio povo permitia, situação bem comum em muitos países, especialmente pós colonizados, como Angola e o próprio Brasil.

Em um diálogo com sua esposa Xilisbaba, Odonato expõe, em poucas palavras, sua visão e seu sentimento de forma clara e impactante “— a verdade é que é mais triste Baba: não somos transparentes por não comer... nós somos transparentes porque somos pobres”(pág. 190).

Odonato, começa, então, esse processo de transparência, que acontece gradualmente até o final da obra, no momento em que a cidade de Luanda começa a pegar fogo, ele do alto do LargoDaMaianga, tornando-se translúcido até soltar-se da única coisa que ainda o prende e o impede de flutuar completamente, o fio de sisal, que representa sua última ligação com a terra ou o último fio de vida a que se prende, soltando-se no ar e deixando um bilhete amassado no chão, o bilhete que o GaloCamões engolira.

Considerações finais

Concluimos, portanto, diante das pesquisas e análises realizadas, sob a perspectiva da literatura fantástica, na visão de Todorov, e nas pesquisas acerca do enredo e personagens em narrativas contemporâneas de expressão portuguesa, assimiladas ao nosso objeto analítico, em o romance *Os transparentes* e o conto *O homem do boné cinzento*, que tais obras despertam o sentimento de realidade e verossimilhança no leitor ou até nas próprias personagens, sendo estas obras unificadas pela organização dos fragmentos contextualizados, como pensa Candido (1978), não há um juízo de valor entre personagem e enredo, porém a personagem se sobressai, por isso, ao ler tais obras, ainda que impregnadas de outras marcas e enredadas por problemáticas universais, como a fome, solidão, desigualdade social, superstições, dentre outras, a personagem chama atenção, por fazer o enredo acontecer, por marcar o enredo através da quebra de expectativa do leitor, das marcas individuais que atinge o coletivo, o impacto que causa nas próprias personagens coadjuvantes da obras ou mesmo no leitor.

Com relação às associações fantásticas nas obras, buscamos assimilar à subcategoria do *insólito*, ou seja, o incomum, aquilo que causa estranhamento e rompimento na obra, a quebra da expectativa linear, contudo, o próprio Todorov alerta sobre a dificuldade de delimitar essa subcategoria, ficando assim, a cargo do leitor escolher entre a dualidade de aceitar a transparência das personagens como algo sobrenatural ou se há uma explicação lógica e racional para os fatos. Anatólio e Odonato passam pelo mesmo processo de transformação, passando a ficar transparentes, com características diferentes, mas de forma inexplicável, ainda que possamos inferir esses acontecimentos ao realismo fantástico, como uma alegoria da realidade em que vivem isso, entretanto, não diminui o fato de que, na narrativa, ambos ficam notavelmente transparentes, portanto, se há a hesitação, a dúvida em que acreditar, permitindo ao leitor decidir acreditar nas leis naturais ou sobrenaturais, temos aqui o fantástico.

Com relação ao enredo e personagens, podemos afirmar que enquanto num romance enxergamos uma série de fatos, organizados em enredo e de forma longa, (seria o que Aristóteles denomina de *in media res*- no meio das ações- em *A poética*) e de personagens que vivem esses fatos, de forma heroica ou não, no conto essas ações também ocorrem, mas de forma breve, de menor extensão que o romance, ambos aparecem de forma mimética, pois a *Mimèsis*, tem suas origens, segundo o próprio Aristóteles, na natureza humana, ou seja, trata de temas, geralmente, universais e comuns aos seres humanos.

Segundo Antonio Candido (2014) “os três elementos centrais dum desenvolvimento novelístico são: o enredo, a personagem e as ideias. Esses três formam a técnica. Dessas três, a personagem se sobressai, o que faz com que o leitor crie uma identidade afetiva ou intelectual (pág. 54).”

Ou seja, o leitor cria uma identidade com a personagem, a qual desperta os sentidos do leitor, seja de amor , raiva, verossimilhança consigo mesmo ou outro motivo, cria-se um elo entre os dois até maior que o próprio enredo, pois sem a personagem não existe enredo, um está interligado ao outro, mas é a personagem que dá vida ao enredo, fazendo até mesmo com que o leitor deixe de notar certos erros do enredo e fixando-se à personagem.

Para Candido

Quando pensamos em enredo, pensamos simultaneamente nas personagens; quando pensamos nestas, pensamos simultaneamente na vida que vivem, nos problemas em que se enredam, na linha do seu destino- traçada conforme uma certa duração temporal, referida a determinadas condições de ambiente. O enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo. Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuitos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam (pág. 53)

Candido fala em algumas dúvidas acerca da personagem que nem sempre ficam bem estabelecidas, ele pensa que de forma paradoxal a personagem é um ser fictício, mas ao mesmo tempo ele existe: “No entanto a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende dessa possibilidade de um ser fictício (pág. 55)”.

Sendo assim, o romance é baseado num tipo de relação entre um ser vivo e um ser fictício, esta se manifesta e se concretiza através da personagem, pois no romance, o leitor estabelece a lógica da personagem de forma coesa e menos contraditória que um ser vivo, pois este tende a pré julgar o outro através de suas ações, já no romance o leitor deixa um pouco de lado sua subjetividade e passa a aceitar a razão da personagem.

Candido afirma que “o romance moderno procurou, justamente, aumentar cada vez mais esse sentimento de dificuldade do ser fictício, diminuir a ideia de esquema fixo, de ente delimitado, que decorre do trabalho de seleção do romancista (pág. 59)”. Ele divide as personagens entre *planas* e *esféricas*, personagens de *costumes* ou de *temperamentos*, também caracterizadas por Forster.

Ou seja, as personagens planas ou de costumes são aquelas que seguem de forma linear, não apresentam surpresas, seguem uma linha só, sem complexibilidade no enredo, diferentemente das personagens esféricas ou de temperamento que surpreendem o leitor através de suas ações no enredo.

Sobre o romance moderno entre os XIII e XX Candido retoma um enunciado sinónimo ao de Todorov, sobre a necessidade que os romancistas têm de evocar a realidade através de elementos, descrevendo os pormenores, como forma de aumentar a verossimilhança das obras, como uma técnica de convencer melhor o leitor.

De certo modo é parecido o trabalho de compor a estrutura do romance, situando adequadamente cada traço que, mal combinado, pouco ou nada sugere; e que devidamente *convencionalizado*, ganha todo o seu poder sugestivo. Cada traço adquire sentido em função de outro, de tal modo que a verossimilhança, o

sentimento de realidade, depende, sob este aspecto, da unificação do fragmentário pela organização do contexto (pág.80).

São essas na análises que nos fazem compreender a identidade com que o leitor cria com certa facilidade tanto no romance *Os transparentes* quanto no conto *O homem do boné cinzento*, não só por se tratarem de temas universais, mas pelas suas personagens que dão vida aos enredos e fazem com que o leitor se identifique com eles. O ápice das duas narrativas acontece, porém, no início e fim dos enredos, nos momentos em que se iniciam os processos de transformações das personagens, mas também no desfecho que ocorre na obra, com as personagens protagonistas e até mesmo as coadjuvantes.

Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. Poética. Porto Alegre: Editora Globo, 1966.

BRAIT, Beth. A personagem. 7ª ed. São Paulo, Ática, 2004.

CANDIDO, Antonio. A personagem de ficção. 13ª ed. São Paulo, Perspectiva, 2014.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 9 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995. 996p.

CHIAMPI, Irleamar. O Realismo Maravilhoso. São Paulo, Perspectiva:1980.

KAKFA,Franz. Metamorfose. São Paulo: Companhia das Letras,1997.

LUKÁCS, Georg. A teoria do romance. Coleção Espírito Crítico. São Paulo:Editora 34, 2000.

MESQUITA, Samira Nahid. O enredo. 2ª ed. São Paulo, Ática, 2004.

ONDJAKI. Os transparentes. São Paulo: Companhia das letras, 2013.

RIO, João do. O homem da cabeça de papelão.1ª ed. São Paulo, Editora Hedra,2012.

RUBIÃO, Murilo. O homem do boné cinzento e outras histórias. Belo Horizonte: Ática. 1990.

TODOROV, Tzvetan. Introdução à Literatura Fantástica. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1975.

VOLOBUEF, Karin. Uma Leitura do Fantástico: A invenção de Morel (A. B. Casares) e O processo (F. Kafka). Revista Letras, Curitiba, n. 53, p. 109-123, jun. 2000.

